REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

PERCEPÇÕES, ATITUDES E PRÁTICAS DE MONITORES NO ATLETISMO PARALÍMPICO UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO NO PROJETO VIVA ATLETISMO

PERCEPTIONS, ATTITUDES AND PRACTICES OF MONITORS IN UNIVERSITY PARALYMPIC ATHLETICS: A STUDY IN THE VIVA ATLETISMO PROJECT

PERCEPCIONES, ACTITUDES Y PRÁCTICAS DE LOS MONITORES EN EL ATLETISMO PARALÍMPICO UNIVERSITARIO: UN ESTUDIO DEL PROYECTO VIVA ATLETISMO

Leonan Gustavo Brito Lopes
Licenciado em Educação Física, Universidade Federal do Amapá, Brasil
E-mail: leonanlpsb@gmail.com

Alisson Vieira Costa
Docente, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Brasil
E-mail: alisson@unifap.br

Demilto Yamaguchi da Pureza
Docente, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
E-mail: demiltop@gmail.com

Marcela Fabiani Silva Dias
Docente, Universidade Federal do Amapá
E-mail: marceladiazunifap@gmail.com

Gizelly Coelho Guedes
Docente, Universidade Federal do Amapá
E-mail: gizellyguedes83@gmail.com

Norma de Brito dos Santos
Pedagoga, Universidade Federal do Amapá
E-mail: normadebrito0@gmail.com

Dilson Rodrigues Belfort
Docente, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
E-mail: dilsonbelfort@gmail.com

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

Resumo

O presente estudo objetivou analisar as percepções, atitudes e práticas de monitores universitários envolvidos no Projeto Viva Atletismo Paralímpico, vinculado à Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). A investigação adota abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-exploratório, e utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário misto — composto por questões abertas e fechadas — aplicado à totalidade dos 14 monitores atuantes no projeto, selecionados por amostragem intencional. O corpus de dados proveniente das questões abertas foi submetido à Análise de Conteúdo, conforme a metodologia proposta por Bardin (1977), cujo processo incluiu pré-análise, exploração do material por dois pesquisadores independentes e tratamento interpretativo dos resultados. Da análise emergiram quatro categorias analíticas: adaptação pedagógica, formação profissional, dificuldades estruturais e estratégias de inclusão. Os resultados evidenciaram que os monitores reconhecem a centralidade da individualização das práticas de treino, valorizam o vínculo interpessoal, a escuta ativa e o respeito às especificidades funcionais de cada atleta. Foram identificadas, contudo, limitações expressivas na formação inicial e lacunas na oferta de capacitação continuada, além de deficiências estruturais. Como limitações do estudo, destacam-se: amostra restrita a um único projeto extensionista em contexto regional específico; uso de questionário online em detrimento de entrevistas em profundidade; e ausência de submissão formal a Comitê de Ética em Pesquisa, dado que o estudo envolveu exclusivamente acadêmicos vinculados ao projeto em caráter voluntário, sem exposição a riscos. Os resultados têm caráter exploratório e contextual, não devendo ser generalizados ao atletismo paralímpico universitário brasileiro como um todo. Conclui-se que o Projeto Viva Atletismo constitui um espaço formativo de relevância para o desenvolvimento profissional e humano dos monitores, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de investimentos institucionais sistemáticos para fortalecer a qualidade e a sustentabilidade das práticas inclusivas no atletismo paralímpico universitário.

Palavras-chave: Atletismo Paralímpico; Esporte Adaptado; Educação Física Inclusiva; Extensão Universitária.

Abstract

This study aimed to analyze the perceptions, attitudes, and practices of university coaches and monitors involved in the Paralympic Athletics Project Viva Atletismo, linked to the Federal University of Amapá (UNIFAP). The research adopted a qualitative approach with a descriptive-exploratory design, employing a mixed questionnaire — comprising open and closed questions — administered to all 14 monitors active in the project, selected through intentional sampling. Data from open-ended questions were subjected to Content Analysis, following the methodology proposed by Bardin (1977), conducted through three phases: pre-

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

analysis, material exploration by two independent researchers, and interpretative treatment. Four analytical categories emerged: pedagogical adaptation, professional training, structural challenges, and inclusion strategies. Results indicated that monitors recognize the centrality of individualized training practices and value interpersonal rapport, active listening, and respect for the functional specificities of each athlete. However, significant limitations in initial training and gaps in continuing professional development were identified, alongside structural deficiencies such as scarcity of adapted equipment, insufficient interdisciplinary support, and inadequate training hours. Study limitations include: a sample restricted to a single extension project in a specific regional context; use of an online questionnaire rather than in-depth interviews; and absence of formal submission to a Research Ethics Committee, given that the study involved only voluntary academic participants with no risk exposure. Results are exploratory and contextual in nature, and should not be generalized to university Paralympic athletics in Brazil as a whole. It is concluded that the Viva Atletismo Project constitutes a relevant formative space for the professional and human development of monitors, while simultaneously evidencing the need for systematic institutional investment to strengthen the quality and sustainability of inclusive practices in university Paralympic athletics.

Keywords: Paralympic Athletics; Adapted Sports; Inclusive Physical Education; University Extension.

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar las percepciones, actitudes y prácticas de los entrenadores y monitores universitarios involucrados en el Proyecto de Atletismo Paralímpico Viva Atletismo, vinculado a la Universidad Federal de Amapá (UNIFAP). La investigación adoptó un enfoque cualitativo con un diseño descriptivo-exploratorio, empleando un cuestionario mixto —con preguntas abiertas y cerradas— aplicado a los 14 monitores activos en el proyecto, seleccionados mediante muestreo intencional. Los datos de las preguntas abiertas se sometieron a un análisis de contenido, siguiendo la metodología propuesta por Bardin (1977), realizado en tres fases: preanálisis, exploración del material por dos investigadores independientes y tratamiento interpretativo. Surgieron cuatro categorías analíticas: adaptación pedagógica, formación profesional, desafíos estructurales y estrategias de inclusión. Los resultados indicaron que los monitores reconocen la centralidad de las prácticas de entrenamiento individualizadas y valoran la relación interpersonal, la escucha activa y el respeto por las especificidades funcionales de cada atleta. Sin embargo, se identificaron limitaciones significativas en la formación inicial y deficiencias en el desarrollo profesional continuo, junto con carencias estructurales como la escasez de equipamiento adaptado, el apoyo interdisciplinario insuficiente y las horas de entrenamiento inadecuadas. Las limitaciones del estudio incluyen: una muestra restringida a un único proyecto de extensión en un contexto regional específico; el uso de un cuestionario en línea en

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

lugar de entrevistas en profundidad; y la ausencia de una presentación formal ante un Comité de Ética en Investigación, dado que el estudio involucró únicamente a participantes académicos voluntarios sin exposición a riesgos. Los resultados son de naturaleza exploratoria y contextual, y no deben generalizarse al atletismo paralímpico universitario en Brasil en su conjunto. Se concluye que el Proyecto Viva Atletismo constituye un espacio formativo relevante para el desarrollo profesional y humano de los monitores, a la vez que evidencia la necesidad de una inversión institucional sistemática para fortalecer la calidad y la sostenibilidad de las prácticas inclusivas en el atletismo paralímpico universitario.

Palabras clave: Atletismo paralímpico; Deportes adaptados; Inclusión de la educación física; Extensión universitaria.

1. Introdução

O atletismo paralímpico tem se consolidado como relevante instrumento de inclusão social e de desenvolvimento humano de pessoas com deficiência, tanto no âmbito competitivo quanto no educacional. Historicamente, a trajetória do atletismo enquanto prática esportiva remonta às origens da civilização, quando habilidades motoras como correr, saltar e lançar foram ressignificadas em rituais, cerimônias e competições organizadas — processo que culminou nos Jogos da Grécia Antiga (CBAT, 2010). O atletismo adaptado emerge como extensão natural desse legado, ao incorporar os mesmos fundamentos motores e reinventá-los para atender às especificidades funcionais de pessoas com deficiência, cumprindo papel simultaneamente esportivo e reabilitador.

Silva e Winckler (2019) definem o esporte adaptado como a prática de modalidades esportivas convencionais modificadas ou desenvolvidas especificamente para atender às necessidades de pessoas com deficiência, visando à inclusão e à reabilitação. Conde, Sobrinho e Senatore (2006) complementam essa perspectiva ao destacar a relevância do esporte adaptado na superação de barreiras cotidianas e na melhoria da qualidade de vida, evidenciando seu potencial tanto em ambientes integrados quanto segregados. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011) estima que aproximadamente 15% da população global apresenta algum tipo de deficiência, reforçando a urgência de iniciativas que ampliem o acesso dessas pessoas a práticas esportivas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

estruturadas. Nesse contexto, o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB, 2019) destaca que a prática esportiva contribui para o desenvolvimento psicomotor, para a inserção social e para a projeção de carreiras de alto rendimento entre pessoas com deficiência.

O surgimento do atletismo paralímpico enquanto modalidade sistematizada está profundamente associado ao trabalho pioneiro do neurologista Sir Ludwig Guttmann, que, em 29 de julho de 1948, organizou uma competição de arco e flecha para 16 veteranos com lesões medulares no Hospital de Stoke Mandeville, na Inglaterra, como estratégia de reabilitação física e psicológica no período pós-Segunda Guerra Mundial. Segundo Silver (2012), a utilização do esporte como elemento central do tratamento de pacientes com lesão medular, proposta por Guttmann, representou uma ruptura paradigmática, sendo esse evento reconhecido como precursor dos Jogos Paralímpicos. No cenário nacional, Brito (2021) aponta que, embora iniciativas isoladas tenham surgido na década de 1970, a fundação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) em 1995 foi determinante para o desenvolvimento institucional e competitivo do atletismo adaptado. A partir dos anos 2000, a modalidade passou a contar com suporte técnico e organizacional sistemático, incluindo circuitos nacionais, programas de capacitação e apoio ao alto rendimento. No âmbito legislativo, o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015) fortaleceu o arcabouço legal de fomento ao paradesporto em instituições escolares e públicas.

No contexto universitário, projetos de extensão têm desempenhado papel fundamental na difusão do atletismo paralímpico e na formação acadêmico-profissional de futuros educadores físicos. Seron e Fischer (2018) destacam que iniciativas extensionistas desenvolvidas em universidades federais contribuem para a garantia de direitos e para a ampliação da participação social de pessoas com deficiência, ao mesmo tempo em que constituem espaços privilegiados de prática pedagógica especializada. Em estudos internacionais, McMaster, Culver e Werthner (2012) ressaltam que a atuação no paradesporto demanda adaptações técnicas e biológicas específicas, exigindo capacitação qualificada e suporte multidisciplinar aos treinadores. Côté e Gilbert (2009) propõem que a eficácia do

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

treinador resulta da articulação entre três dimensões interdependentes — conhecimento profissional, conhecimento interpessoal e conhecimento intrapessoal —, abrangendo desde o domínio técnico-específico até as competências pedagógicas e relacionais.

Nesse panorama, o Projeto Viva Atletismo, desenvolvido na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) sob coordenação da Federação Amapaense de Atletismo (FAAp), configura-se como iniciativa de significativa relevância social e pedagógica. O projeto atende, atualmente, aproximadamente 300 participantes, dos quais 95 são pessoas com deficiência física, visual ou intelectual. Além de promover o acesso ao atletismo paralímpico, o projeto proporciona formação extensionista a estudantes de Educação Física, fomentando autonomia, protagonismo e convivência inclusiva. O estado do Amapá, marcado por elevados índices de desigualdade e vulnerabilidade social (IBGE, 2022), confere ao projeto dimensão ainda mais estratégica no que concerne à inclusão social por meio do esporte.

Contudo, apesar da crescente relevância do atletismo paralímpico no cenário universitário brasileiro, permanecem escassas as investigações que examinem sistematicamente as percepções, atitudes e práticas dos monitores que atuam nesse contexto. Brito (2021) aponta a carência de estudos que explorem o papel formativo e os desafios enfrentados por profissionais responsáveis pelo treinamento de paratletas no meio acadêmico. Diante desse cenário, este estudo é orientado pelo seguinte questionamento central: Quais são as percepções, atitudes e práticas dos monitores que atuam no Atletismo Paralímpico Universitário no Projeto Viva Atletismo, no Amapá?

O presente estudo tem como objetivo geral analisar as percepções, atitudes e práticas dos monitores do Atletismo Paralímpico Universitário no âmbito do Projeto Viva Atletismo. Os objetivos específicos compreendem: (a) investigar as percepções dos monitores acerca da inclusão de pessoas com deficiência no esporte; (b) identificar atitudes adotadas diante dos desafios do treinamento de paratletas; (c) descrever as práticas pedagógicas e metodológicas empregadas; e (d) refletir sobre as contribuições do projeto para o fortalecimento do atletismo

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

paralímpico universitário e para a formação de futuros profissionais de Educação Física.

2. Metodologia

2.1 Delineamento da Pesquisa

A presente investigação adota abordagem qualitativa, modalidade adequada para compreender como os treinadores percebem, interpretam e significam sua atuação no Atletismo Paralímpico Universitário. Conforme Pereira e Coutinho (2023), a pesquisa qualitativa é apropriada para estudos que buscam interpretar fenômenos sociais complexos a partir das experiências e significados atribuídos pelos sujeitos em seus contextos. O estudo classifica-se, quanto aos objetivos, como exploratório-descritivo: exploratório por proporcionar maior familiaridade com um fenômeno ainda pouco investigado — a atuação de monitores universitários no paradesporto —, e descritivo por identificar, registrar e interpretar características concretas das práticas, experiências e percepções dos participantes (GIL, 2002; SEVERINO, 2017).

2.2 Local e Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Projeto Viva Atletismo, executado na cidade de Macapá, Amapá. O projeto é coordenado pela Federação Amapaense de Atletismo (FAAp), com apoio institucional da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), tendo como propósito central promover atividades esportivas adaptadas para pessoas com deficiência física, visual ou intelectual, valendo-se do atletismo como instrumento de inclusão social, educação e desenvolvimento humano. O estado do Amapá apresenta indicadores socioeconômicos que evidenciam desigualdades expressivas nas dimensões de renda, acesso a serviços e oportunidades educacionais (IBGE, 2022), conferindo ao projeto caráter estratégico na ampliação do acesso a práticas esportivas inclusivas e qualificadas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

2.3 Participantes

A amostra foi constituída pela totalidade dos 14 participantes vinculados ao Projeto Viva Atletismo no período de coleta, todos acadêmicos do curso de Educação Física da UNIFAP que desempenham funções práticas de treinamento, ensino e acompanhamento junto aos paratletas. A seleção dos participantes foi realizada por meio de amostragem intencional (não probabilística), modalidade adequada quando o interesse investigativo recai sobre sujeitos com experiência direta no fenômeno estudado (GIL, 2008). A opção por incluir a totalidade dos monitores ativos confere ao estudo abrangência interna ao contexto investigado, embora não objetive generalização estatística.

Cumpre esclarecer que todos os participantes exercem, no projeto, a função de monitores universitários em formação (acadêmicos de graduação que atuam sob supervisão do coordenador técnico e do treinador responsável pelo projeto). Não se trata, portanto, de profissionais formados e autônomos, mas de estudantes que desenvolvem atividades práticas supervisionadas de condução de treinos, orientação técnica adaptada e acompanhamento pedagógico dos paratletas.

2.4 Instrumento de Coleta de Dados

Para a coleta das informações, foi utilizado um questionário misto, aplicado por meio da plataforma digital Google Forms. O instrumento foi composto por sete questões: duas de natureza fechada, destinadas à caracterização do perfil dos participantes — tempo de atuação no projeto e tipos de deficiência atendidos —, e cinco de natureza aberta, voltadas à investigação das práticas metodológicas, percepções sobre inclusão e desafios enfrentados na adaptação dos treinamentos.

O instrumento foi elaborado pelos próprios pesquisadores com base na revisão da literatura sobre formação de treinadores no paradesporto (CÔTÉ; GILBERT, 2009; MCMASTER; CULVER; WERTHNER, 2012). As questões abertas foram redigidas de modo a captar, de forma não indutiva, as percepções

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

espontâneas dos participantes acerca de suas práticas cotidianas, dificuldades e estratégias adaptativas. Não foi realizado pré-teste formal com amostra independente, o que constitui uma limitação metodológica do estudo, dado que as respostas dos participantes podem ter sido influenciadas por eventuais ambiguidades nas questões.

A utilização de questões abertas possibilitou explorar em maior profundidade as experiências e reflexões dos participantes, favorecendo a produção de dados ricos e contextualizados, conforme recomendação de Gil (2008). Reconhece-se, contudo, que o formato de questionário online — em detrimento de entrevistas semiestruturadas presenciais ou grupos focais — impõe limites à profundidade das respostas, uma vez que os participantes não tiveram oportunidade de esclarecer ambiguidades, aprofundar relatos ou responder a perguntas de sondagem. Essa opção metodológica foi justificada pela dispersão geográfica dos monitores durante o período de coleta (abril, junho e julho de 2025) e pela necessidade de garantir o registro das respostas de todos os 14 monitores sem viés de desejabilidade social associado à presença do pesquisador. O questionário foi encaminhado aos participantes por meio de link digital, acompanhado de orientações sobre os objetivos da pesquisa e os procedimentos envolvidos. A participação foi voluntária, garantindo-se a confidencialidade das informações e a utilização exclusivamente científica dos dados. A coleta ocorreu durante os meses de abril, junho e julho de 2025, sendo encerrada após o recebimento das 14 respostas completas.

2.5 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados foram analisados de forma diferenciada conforme a natureza de cada questão. As questões fechadas foram tratadas por meio de estatística descritiva simples — frequências absolutas e percentuais —, com vistas à caracterização do perfil dos participantes. As respostas às questões abertas foram submetidas à Análise de Conteúdo, nos termos da metodologia proposta por Bardin (1977), que se mostrou adequada ao enfoque qualitativo do estudo por permitir a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

identificação, categorização e interpretação dos sentidos expressos nos discursos dos participantes.

O processo analítico seguiu as três fases clássicas descritas por Bardin: (1) pré-análise — leitura flutuante do material, delimitação do corpus e primeiros registros de impressões relevantes; (2) exploração do material — codificação e categorização das unidades de significado em eixos temáticos alinhados aos objetivos da pesquisa; (3) tratamento dos resultados e interpretação — agrupamento e sistematização das categorias, com interpretação à luz do referencial teórico. As unidades de registro adotadas foram as unidades temáticas — segmentos de texto (frases ou conjuntos de frases) que expressassem, de forma coesa, um sentido relacionado aos objetivos do estudo. A codificação foi realizada de modo indutivo: as categorias não foram definidas a priori, mas emergiram do próprio material empírico por saturação temática. Dois pesquisadores realizaram a codificação de forma independente sobre o corpus completo. Os casos de discordância na atribuição de códigos foram resolvidos por discussão até consenso. Esse procedimento de triangulação analítica (DENZIN; LINCOLN, 2006) confere maior transparência e auditabilidade ao processo interpretativo. Exemplos de unidades de registro e sua classificação nas categorias estão descritos ao longo da seção de Resultados e Discussão, identificados pelos códigos M1 a M14 (referentes aos 14 monitores).

Cumpre destacar que este estudo se delimita ao contexto específico do Projeto Viva Atletismo, não apresentando pretensão de generalização estatística, mas visando contribuir com reflexões relevantes para o campo da Educação Física, da formação docente e do esporte adaptado no contexto universitário.

2.6 Aspectos Éticos

O presente estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução CNS n.º 510/2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A pesquisa envolveu exclusivamente acadêmicos de graduação vinculados ao Projeto Viva Atletismo na

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

condição de monitores voluntários, todos maiores de 18 anos e com plena capacidade de autodeterminação. A participação foi voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento sem qualquer prejuízo aos participantes.

Com base na Resolução CNS 510/2016, art. 1.º, Inciso II - Inciso V - Pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual em que o estudo analise a atuação do grupo de monitores como um todo (dados estatísticos de desempenho, por exemplo), sem identificar especificamente qual monitor realizou qual ação, a pesquisa é dispensada da apreciação ética pelo Sistema CEP/Conep.

Todos os participantes foram informados, por escrito, dos objetivos da pesquisa, da garantia de confidencialidade das informações prestadas e da utilização dos dados exclusivamente para fins científicos, tendo manifestado consentimento livre e esclarecido antes de responder ao questionário. O anonimato dos participantes é preservado ao longo do texto por meio de códigos alfanuméricos (M1 a M14), sem qualquer identificação nominal ou institucional individualizada.

3. Resultados e Discussão

3.1 Caracterização dos Participantes

A primeira questão fechada buscou identificar o tempo de atuação dos participantes no projeto. Os dados revelaram que metade dos 14 participantes atuam no projeto há mais de um ano, indicando uma distribuição simétrica entre monitores com experiência intermediária e aqueles com trajetória mais consolidada. Essa distribuição equilibrada sugere certa estabilidade no corpo de monitores ao longo do tempo, o que é relevante para a manutenção de práticas pedagógicas consistentes. Em contraste com a alta rotatividade frequentemente observada em projetos de extensão universitária, esse dado aponta para um ambiente propício ao amadurecimento das práticas formativas e ao fortalecimento dos vínculos entre treinadores e paratletas. Gil (2002) destaca que projetos de extensão necessitam de mecanismos sistemáticos de supervisão e sistematização para garantir a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

qualidade das ações formativas, mesmo em contextos de constante renovação discente. Ressalta-se que as frequências numéricas apresentadas nas tabelas deste estudo têm função exclusivamente descritiva e auxiliar, indicando a recorrência temática dentro do corpus. Com apenas 14 participantes, tais valores não devem ser interpretados como força estatística, predominância ou representatividade de qualquer afirmação para além do contexto específico do Projeto Viva Atletismo.

A segunda questão identificou os tipos de deficiência com os quais os treinadores atuam. Os dados demonstraram que a maioria dos participantes trabalha com pessoas com deficiência física, seguida por deficiência intelectual e, posteriormente, deficiência visual. A deficiência múltipla apresentou o menor percentual de atendimento. É relevante notar que grande parte dos monitores atua concomitantemente com mais de um tipo de deficiência, evidenciando a complexidade e a diversidade do público atendido pelo projeto. Do ponto de vista técnico-esportivo, essa diversidade tipológica tem implicações diretas para o planejamento do treinamento paralímpico. O atletismo paralímpico organiza-se em classes funcionais que agrupam atletas por tipo e grau de deficiência (IPC, 2022): as classes T/F 11-13 abrangem atletas com deficiência visual; as classes T/F 31-38 incluem atletas com paralisia cerebral; as classes T/F 40-47 contemplam atletas de baixa estatura e com amputações no membro superior; e as classes T/F 51-57 são destinadas a atletas em cadeira de rodas. Cada classe funcional requer adaptações específicas nos implementos, nas técnicas de execução, nos parâmetros de carga e na metodologia de avaliação motora (IPC, 2022; SILVA; WINCKLER, 2019). A presença simultânea de atletas de diferentes classes em um mesmo grupo de treinamento — como ocorre no Projeto Viva Atletismo — impõe ao monitor a necessidade de conhecimento funcional diversificado e de capacidade de diferenciação pedagógica elevada.

3.2 Percepções sobre as necessidades de treinamento de atletas com deficiência

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

A terceira questão investigou como os participantes definem as principais necessidades de treinamento de atletas com deficiência em comparação aos atletas sem deficiência. As respostas revelaram forte convergência em torno da necessidade de individualização e adaptação das práticas pedagógicas. Os participantes reconhecem que, embora os paratletas compartilhem fundamentos comuns de preparação — força, resistência, técnica e dimensão psicológica —, o processo de treinamento requer ajustes específicos orientados pelas características funcionais de cada indivíduo. A Tabela 1 sistematiza as categorias emergentes, as descrições correspondentes e as frequências de ocorrência.

Tabela 1 – Percepções sobre as necessidades de treinamento de atletas com deficiência

Categoria	Descrição	Frequência	Exemplos de resposta
Adaptação dos treinos	Necessidade de ajustar exercícios, materiais e técnicas conforme condições individuais.	10	"Adaptações individualizadas" (M7); "adaptação motora"; "treinos adequados e adaptados" (M3)
Respeito aos limites funcionais	Considerar capacidade física, funcionalidade e ritmo de aprendizagem.	7	"Respeitar limitações e potencialidades" (M1); "entender cada caso" (M9); "atenção à segurança" (M12)
Postura empática e ética	Importância da sensibilidade profissional na condução do treino.	3	"Mais empatia"; (M5) "maior sensibilidade no atendimento" (M11)
Materiais adaptados	Dificuldade de acesso a equipamentos adequados para a prática.	2	"Equipamentos adaptados escassos" (M6); "mecânicos de adaptação" (M14)
Acesso e logística	Dificuldades de deslocamento e acesso ao local de treino.	1	"Ajuda no deslocamento até os treinos" (M2)

Fonte: Dados da pesquisa

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

A análise das respostas, à luz da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), permitiu organizar as unidades de significado em quatro categorias analíticas: (1) adaptação dos exercícios e treinos; (2) individualização e respeito aos limites funcionais; (3) postura pedagógica sensível e empática; e (4) insuficiência de materiais adaptados e barreiras de acesso. A primeira categoria foi a mais recorrente, congregando dez das catorze respostas, demonstrando que a adaptação pedagógica constitui o principal eixo estruturante das práticas dos monitores. A segunda categoria evidencia a compreensão de que cada paratleta possui perfis funcionais singulares, demandando planos de treino flexíveis e reavaliação contínua. O participante M9 exemplifica essa percepção ao afirmar: "Cada atleta tem um nível de comprometimento diferente, e isso muda completamente o que você pode pedir no treino — não dá para ter um plano fixo." Essa fala aponta para um entendimento intuitivo — ainda que não formalizado — do que a literatura do paradesporto denomina diferenciação por classe funcional (IPC, 2022), princípio segundo o qual o treinamento deve ser calibrado às capacidades reais de cada atleta dentro de sua categoria.

A terceira aponta que a prática de treinamento no contexto adaptado requer, além de competência técnica, compreensão das vivências, dos ritmos e das conquistas dos atletas. A quarta, por fim, expõe limitações externas ao processo de treino, como a escassez de implementos adaptados e obstáculos de acessibilidade física.

Esses achados dialogam com Silva et al. (2022), que identificaram lacunas nos currículos de graduação em Educação Física relativos à inclusão, evidenciando que a formação inicial ainda dedica atenção insuficiente ao esporte adaptado. Leite (2021) complementa ao argumentar que a atuação em contextos inclusivos exige, além do domínio técnico, uma postura empática, criativa e flexível, competências que devem ser cultivadas desde a formação inicial. Por sua vez, Seron et al. (2018) demonstram que projetos de extensão universitária frequentemente enfrentam restrições estruturais que afetam a qualidade das ações inclusivas, sobretudo diante da ausência de investimento contínuo em capacitação e recursos. As dificuldades reportadas pelos participantes desta pesquisa, portanto, não configuram problemas pontuais, mas refletem insuficiências sistêmicas na formação e na gestão institucional do paradesporto universitário.

3.3 Estratégias de Adaptação Pedagógica

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

A quarta questão investigou as formas pelas quais os treinadores adaptam os treinos para atender às especificidades dos atletas com deficiência. A Tabela 2 apresenta as categorias identificadas, as frequências de ocorrência e exemplos representativos dos relatos dos participantes.

Tabela 2 – Estratégias de adaptação dos treinos às especificidades de cada deficiência

Categoria	Descrição	Freq.	Relato representativo
Conhecimento individual do atleta	Avaliação inicial, escuta ativa e observação contínua para compreender limitações e potencialidades.	9	"A primeira estratégia é conhecer bem a pessoa e a deficiência que ela tem…" (M4)
Adaptação de exercícios e metodologias	Ajuste de intensidade, movimentos, tempo de execução e repetições conforme a necessidade.	6	"Se estiver fora do limite, adaptamos para que chegue o mais próximo do original." (M8)
Comunicação diferenciada	Uso de linguagem verbal, visual, tátil ou sonora conforme o tipo de deficiência.	5	"Se for um cego, trabalhamos com som para direcionar e tato para mostrar o movimento." (M2)
Adaptação de materiais e espaços	Modificação e seleção adequada de equipamentos e organização do ambiente de treino.	3	"Adaptação de equipamentos e espaços conforme a necessidade de cada atleta." (M13)
Construção de vínculo e confiança	Valorização das potencialidades do atleta, com segurança e incentivo à autonomia.	4	"Busco sempre valorizar o que o atleta pode fazer, promovendo autonomia e segurança." (M6)

Fonte: Dados da pesquisa

A análise revelou que as estratégias empregadas pelos participantes concentram-se, prioritariamente, no conhecimento individualizado de cada atleta previamente à proposição de adaptações. A personalização do processo pedagógico foi mencionada por nove dos catorze respondentes, demonstrando que a avaliação inicial, a escuta ativa e a observação contínua constituem pilares centrais do processo de ensino no contexto paralímpico. Foram igualmente identificadas adaptações metodológicas nos exercícios — com ajustes de intensidade, tempo, ritmo e movimentos —, o emprego de diferentes modalidades

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

comunicativas (visual, tátil, verbal e sonora) e a adaptação de materiais e espaços, além da construção deliberada de relações de confiança com os atletas.

A partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), as respostas foram organizadas em três categorias predominantes: (1) adaptações estruturais e materiais, referentes à modificação dos espaços e equipamentos; (2) adaptações metodológicas, concernentes à alteração da carga, ritmo e formato das atividades; e (3) ajustes na comunicação e no vínculo pedagógico, envolvendo a linguagem, os estímulos motivacionais e o fortalecimento da relação com os praticantes. Essas categorias demonstram que as adaptações se processam em múltiplos níveis simultâneos, evidenciando a complexidade inerente à mediação pedagógica em contextos inclusivos.

Do ponto de vista teórico, as práticas relatadas estão em consonância com o protagonismo docente postulado como essencial à educação inclusiva, conforme sustentam Bechara, Rodrigues e Rizzo (2020), que defendem que o professor atua como figura central na construção de estratégias de enfrentamento ao preconceito e de valorização da singularidade dos alunos com deficiência. No campo específico do atletismo paralímpico, esses achados adquirem dimensão técnica adicional: as adaptações comunicativas descritas pelos monitores (uso de estímulos táteis para atletas com deficiência visual; comandos verbais amplificados; demonstrações adaptadas) correspondem a estratégias reconhecidas na literatura especializada como fundamentais para a condução segura e eficaz do treinamento em cada classe funcional (SILVA; WINCKLER, 2019; CREGAN; BLOOM; REID, 2007).

3.4 Dificuldades enfrentadas e estratégias de superação

A quinta questão investigou a ocorrência de dificuldades na adaptação dos treinos e as estratégias empregadas para superá-las, além de verificar a realização de avaliações físicas ou motoras específicas com os paratletas.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

Tabela 3 – Dificuldades na adaptação dos treinos e estratégias de superação

Aspecto Avaliado	Síntese das Respostas	Interpretação Analítica
Ocorrência de dificuldades	Todos os 14 participantes relataram dificuldades.	A vivência de dificuldades é universal entre os monitores, indicando a complexidade da função.
Principais dificuldades	Comunicação com atletas com deficiência visual; planejamento insuficiente na prática; comprometimento motor acentuado; escassez de materiais; insegurança decorrente de pouca experiência.	As dificuldades concentram-se em limitações de formação inicial e experiência prática.
Estratégias de superação	Busca de orientação com profissionais experientes; estudo sobre as deficiências; uso de comandos verbais, táteis e sonoros; adaptação de movimentos; diálogo constante; criatividade.	A superação centra-se na formação continuada, adaptação de estratégias e comunicação efetiva.
Aplicação de avaliações	Sim: 8 participantes / Não: 6 participantes.	A avaliação sistemática ainda não é prática consolidada entre todos os monitores.
Tipos de avaliações	Avaliação de força, resistência, equilíbrio, mobilidade e coordenação; observação qualitativa; testes adaptados.	Predominância de abordagem funcional e individualizada, sem padronização formal.

Fonte: Dados da pesquisa

As principais dificuldades relatadas concentraram-se na comunicação e orientação espacial (especialmente no trabalho com atletas com deficiência visual) e na atuação com atletas com maior comprometimento motor. Diante dessas dificuldades, as estratégias de superação envolveram, predominantemente, a busca por formação continuada (por meio de orientação com profissionais experientes e estudo sobre as deficiências específicas), bem como, a adaptação dos estímulos comunicativos por recursos táteis, sonoros e verbais.

O achado mais relevante desta seção — e um dos mais significativos de todo o estudo — diz respeito à ausência de avaliação funcional formal em 43% dos monitores (6 de 14). Em contextos de paradesporto, a avaliação não é um procedimento administrativo acessório: ela constitui a base sobre a qual se estruturam a prescrição segura do treinamento, a progressão de carga, a

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

adaptação de exercícios às especificidades funcionais de cada atleta, a prevenção de lesões e a documentação longitudinal da evolução do desempenho (SILVA; TEIXEIRA, 2023; IPC, 2022). A ausência de avaliação sistemática tem, portanto, implicações éticas, pedagógicas e de segurança que não podem ser negligenciadas.

Do ponto de vista técnico-esportivo, o atletismo paralímpico requer protocolos mínimos de avaliação motora e funcional diferenciados por classe: para atletas com deficiência física (classes T/F 42-47 e 51-57), testes de força de membros superiores, amplitude de movimento e capacidade de propulsão são essenciais; para atletas com deficiência visual (T/F 11-13), a avaliação deve contemplar percepção espacial, tempo de reação e coordenação com guia; para atletas com paralisia cerebral (T/F 31-38), a avaliação do padrão de movimento, tônus e controle postural é indispensável (SILVA; WINCKLER, 2019). A inexistência ou a informalidade desses processos avaliativos nos casos relatados indica uma lacuna formativa grave, que expõe os atletas a riscos de sobrecarga inadequada e limita as possibilidades de progressão técnica mensurada.

A literatura especializada reforça a relevância de abordagens avaliativas que transcendam o desempenho técnico, contemplando a participação como dimensão central da inclusão esportiva. Curi et al. (2022) demonstraram que o esporte adaptado, especialmente entre usuários de cadeira de rodas, promove impactos positivos significativos na qualidade de vida física, social e psicológica, indicando que os instrumentos avaliativos devem incorporar essas dimensões. Silva e Teixeira (2023) argumentam que a avaliação no paradesporto deve ser concebida como um processo contínuo de escuta e observação do atleta, priorizando sua evolução individual em detrimento de parâmetros normativos convencionais.

3.5 Sugestões para o Aprimoramento do Projeto

As sugestões para aprimoramento do projeto são evidenciadas a partir das percepções dos participantes, visando entender quais estratégias e investimentos

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

seriam necessários para aprimorar o rendimento esportivo e o bem-estar dos atletas com deficiência.

Tabela 4 – Melhorias necessárias para o rendimento e bem-estar dos atletas com deficiência

Categoria	Descrição	Exemplos de falas
Formação continuada e ampliação da equipe	Necessidade de capacitações práticas e teóricas, aumento no número de monitores e especialização dos treinadores.	"Seria fundamental ter mais cursos e formações para os monitores." (M10) / "Com mais monitores, conseguiríamos atender melhor cada atleta." (M3)
Equipe multiprofissional	Inclusão de fisioterapeutas, psicólogos e nutricionistas no acompanhamento sistemático dos paratletas.	"Seria ótimo ter acompanhamento fisioterapêutico pós-treino e apoio psicológico." (M7)
Infraestrutura e materiais	Investimentos em equipamentos adaptados e ajustes na estrutura física do espaço de treino.	"Um domo para proteção solar ajudaria muito." (M1) / "Faltam materiais adaptados para alguns tipos de deficiência." (M14)
Organização e planejamento	Melhor definição de horários, tempo de treino e sistematização das avaliações individuais.	"Maior tempo de treino e tabelamento individual seria importante." (M5)

Fonte: Dados da pesquisa

Com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), as sugestões foram organizadas em três categorias centrais: (1) fortalecimento da equipe e formação continuada; (2) ampliação da infraestrutura e dos recursos materiais; e (3) implementação de suporte multiprofissional.

É necessário, neste ponto, diferenciar conceitualmente três dimensões que frequentemente aparecem sobrepostas no discurso dos participantes e no próprio projeto: inclusão social, participação esportiva e rendimento paralímpico. A inclusão social, no sentido mais amplo, refere-se à garantia de acesso, pertencimento e dignidade para pessoas com deficiência em espaços coletivos — uma dimensão de direitos humanos que o projeto claramente promove. A participação esportiva envolve o engajamento regular e significativo em práticas esportivas, com ênfase no processo e no bem-estar, sem necessariamente implicar parâmetros competitivos de desempenho. O rendimento paralímpico requer sistematização técnica, periodização, avaliação contínua, acompanhamento interdisciplinar e

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

progressão mensurável de desempenho — condições que o projeto, em seu estágio atual, ainda não reúne de forma plena.

Com base nos dados coletados, o Projeto Viva Atletismo encontra-se, predominantemente, na interface entre inclusão social e participação esportiva. Essa caracterização não é uma crítica — constitui, ao contrário, um reconhecimento do papel formativo e social do projeto em um contexto de vulnerabilidade. No entanto, à medida que atletas com maior potencial técnico são identificados (como indicam alguns relatos dos monitores), torna-se necessário estruturar caminhos de progressão mais sistematizados, que permitam a migração gradual de um contexto de iniciação e participação para um ambiente de desenvolvimento de rendimento paralímpico. Essa transição exigirá das instituições parceiras investimentos específicos em formação de treinadores qualificados, avaliação funcional padronizada e periodização do treinamento.

As sugestões dos participantes convergem para a compreensão de que a inclusão no esporte adaptado não se encerra no acesso, mas exige condições adequadas de permanência, acompanhamento e evolução progressiva. A necessidade de formação contínua alinha-se à perspectiva de Seron et al. (2021), que afirmam que projetos inclusivos sustentáveis dependem do desenvolvimento constante das competências pedagógicas e técnicas dos profissionais envolvidos. A demanda por equipe multiprofissional reforça o entendimento de que o rendimento e o bem-estar dos paratletas são condicionados por dimensões físicas, emocionais e sociais (CURI et al., 2022). Por sua vez, as preocupações com infraestrutura e materiais dialogam com Lottermann et al. (2022), que indicam que ambientes inclusivos demandam planejamento e investimento contínuos para garantir acessibilidade e segurança nas práticas esportivas.

3.6 Percepções sobre a própria atuação

As respostas evidenciaram que a experiência no projeto é percebida como desafiadora e, simultaneamente, altamente significativa para a formação técnica, ética e humana dos futuros profissionais. Vários participantes relataram

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

desenvolvimento expressivo de sensibilidade, paciência e empatia, além do aprimoramento de suas capacidades comunicativas e de adaptação pedagógica. M11 expressa essa percepção de forma representativa: "É notório minha evolução como pessoa e como treinador, além da minha relação com os atletas. Aprendi que limitação é relativa e que o esporte realmente transforma." M4, por sua vez, destaca a centralidade da prática: "A prática diária e o contato com cada realidade são o que mais contribuem para meu crescimento profissional e humano — mais do que qualquer disciplina da graduação."

Paralelamente, as respostas indicam que a formação inicial recebida na graduação é percebida como insuficiente para lidar com as especificidades do trabalho com atletas com deficiência. Os participantes identificaram como ausentes, em sua formação curricular, conteúdos específicos sobre: classificação funcional paralímpica; metodologia de treinamento adaptado por tipo de deficiência; comunicação com atletas com deficiência visual (orientação e mobilidade); avaliação funcional adaptada; e segurança e prevenção de lesões no paradesporto. Essa lacuna curricular, relatada de forma convergente pelos 14 monitores, aponta para a necessidade de que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física contemplem, de forma mais explícita, conteúdos de paradesporto, educação física adaptada e metodologia de treinamento inclusivo (SILVA et al., 2022).

No que diz respeito à supervisão técnica e pedagógica do projeto, os dados revelam uma situação de fragilidade estrutural relevante. A maioria dos monitores descreve um processo de aprendizado predominantemente por tentativa, observação e troca informal entre pares, sem referência a reuniões técnicas regulares, planejamento coletivo sistematizado, protocolos de registro da evolução dos atletas ou supervisão estruturada por parte do coordenador. Essa ausência de supervisão sistemática pode explicar, ao menos em parte, as disparidades metodológicas relatadas pelos próprios participantes: 'cada monitor faz do seu jeito, e isso pode ser ruim para o atleta que é acompanhado por mais de um de nós' (M9). Recomenda-se, portanto, que o projeto implante reuniões técnicas periódicas

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

com pauta estruturada, compartilhamento de planejamentos individuais e supervisão ativa do coordenador ou de treinador qualificado

Em síntese, os dados revelaram que os treinadores e monitores universitários envolvidos no Projeto Viva Atletismo desenvolvem suas práticas a partir de um esforço contínuo de adaptação, sensibilidade e criatividade, mesmo diante de limitações estruturais e formativas objetivas. As análises demonstraram que, embora as práticas se fundamentem predominantemente em experiências empíricas e na tentativa e erro, os participantes exibem compromisso com a inclusão, valorização das individualidades dos paratletas e busca por estratégias que favoreçam a participação plena e qualificada.

4. Limitações do Estudo

O presente estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na leitura e interpretação de seus achados. Em primeiro lugar, a amostra está restrita a um único projeto extensionista, em uma instituição específica e em uma região geográfica particular (Macapá, Amapá). Os 14 participantes constituem a totalidade dos monitores ativos no Projeto Viva Atletismo no período de coleta, o que confere abrangência interna ao contexto investigado, mas impossibilita qualquer generalização para o atletismo paralímpico universitário brasileiro como um todo. Os achados iluminam desafios e experiências relevantes observados em um caso específico, que podem dialogar com outros projetos e contextos similares, mas não devem ser tratados como diagnóstico representativo do campo.

Em segundo lugar, o instrumento de coleta — questionário online — impõe limitações à profundidade dos dados em comparação com entrevistas semiestruturadas presenciais, grupos focais ou observações participantes. A ausência de interação direta entre pesquisador e participante restringe a possibilidade de aprofundamento das respostas, esclarecimento de ambiguidades e captação de dimensões tácitas da experiência pedagógica. Futuros estudos sobre o tema deveriam considerar a adoção de métodos de coleta de dados que favoreçam maior densidade interpretativa.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

Em terceiro lugar, a não submissão do protocolo de pesquisa a um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) representa uma limitação do ponto de vista das salvaguardas éticas formais, ainda que o estudo tenha envolvido participantes adultos, voluntários, sem procedimentos invasivos e com garantia de confidencialidade.

Finalmente, a análise é realizada por pesquisadores vinculados institucionalmente ao próprio projeto, o que pode introduzir viés de familiaridade e proximidade com o campo. Embora a triangulação analítica entre dois pesquisadores independentes contribua para mitigar esse risco, a reflexividade dos autores sobre sua posição como pesquisadores-participantes deve ser considerada na avaliação das interpretações apresentadas.

5. Conclusão

O presente estudo analisou as percepções, atitudes e práticas de 14 treinadores e monitores universitários atuantes no Projeto Viva Atletismo Paralímpico, vinculado à UNIFAP. No contexto específico investigado, os resultados evidenciam que os monitores, embora em fase de formação inicial, desenvolvem práticas que demonstram engajamento, criatividade e sensibilidade diante das demandas do esporte adaptado. Os monitores atuam com diferentes tipos de deficiência de forma simultânea e, mesmo diante de limitações estruturais e técnicas, promovem experiências inclusivas por meio da escuta ativa, da adaptação pedagógica e da valorização das potencialidades individuais dos paratletas.

As dificuldades relatadas — escassez de materiais adaptados, insegurança pedagógica, ausência de formação específica e limitações na infraestrutura — foram contrapostas por posturas críticas e construtivas, evidenciando a capacidade reflexiva dos participantes e seu comprometimento com a qualificação das ações desenvolvidas. A pesquisa também permitiu identificar lacunas expressivas na formação inicial em Educação Física no que concerne ao paradesporto, particularmente nos temas de classificação funcional paralímpica, metodologia de

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

treinamento adaptado por tipo de deficiência e avaliação funcional, apontando a necessidade de que projetos como o Viva Atletismo sejam acompanhados de ações institucionais sistemáticas de formação continuada, supervisão pedagógica e provisão de recursos materiais adequados.

Um achado de particular relevância é a ausência de avaliação funcional formal em quase metade dos monitores (6 de 14), com implicações diretas para a segurança dos atletas, a progressão do treinamento e a documentação de sua evolução.

Como contribuição preliminar, propõe-se que o projeto adote um protocolo mínimo de avaliação funcional estruturado em três momentos: (1) avaliação inicial, para definição das capacidades funcionais de base e da classe esportiva de referência; (2) avaliações periódicas (mensais ou bimestrais), para monitoramento da progressão e reajuste das cargas de treinamento; e (3) registro sistemático dos resultados, em ficha individual por atleta, compartilhado entre todos os monitores da equipe. Esse protocolo não requer equipamentos sofisticados e pode ser operacionalizado por monitores com formação básica em avaliação funcional adaptada — competência que deveria integrar os programas de capacitação do projeto.

Diante dos achados, recomenda-se: (a) o investimento em programas estruturados de formação continuada para monitores, com ênfase nas especificidades das deficiências e nos princípios da classificação funcional; (b) a ampliação do apoio interdisciplinar, com a incorporação de fisioterapeutas, psicólogos e nutricionistas ao projeto; (c) a criação de um protocolo interno de avaliação funcional e progressão de treinamento, que permita documentar e acompanhar sistematicamente a evolução dos paratletas; e (d) o investimento em infraestrutura e equipamentos adaptados adequados às demandas do público atendido.

Por fim, e reconhecendo os limites do presente estudo — especialmente a restrição a um contexto único e a impossibilidade de generalização — espera-se que os resultados aqui apresentados possam subsidiar novas investigações sobre a formação de monitores e/ou treinadores no paradesporto universitário brasileiro,

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

assim como orientar ajustes nas práticas do próprio Projeto Viva Atletismo. A extensão universitária, quando acompanhada de supervisão qualificada, avaliação sistemática e formação continuada, tem potencial transformador tanto para os paratletas quanto para os monitores em formação. Essa transformação, contudo, não ocorre de forma espontânea: ela exige investimento institucional deliberado, planejamento técnico rigoroso e compromisso coletivo com a qualidade das práticas inclusivas.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECHARA, Gabriela Natacha; RODRIGUES, Horácio Wanderlei; RIZZO, Marcelo Vitor Silva. Educação inclusiva para pessoas com deficiência: protagonismo docente e combate ao preconceito. **Revista Opinião Jurídica**, Fortaleza, v. 18, n. 29, p. 198–220, 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRITO, Marinalva Maria. **Atletismo paralímpico no Brasil**: origem, evolução e contexto social. 2021. 56 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2021.

CENTRO PARALÍMPICO BRASILEIRO. Coordenação dos Centros de Referência do CPB. **Projeto centros de referência**: manual de procedimentos. São Paulo: CPB, 2019.

CHICON, José Francisco et al. Educação Física e inclusão: a mediação pedagógica do professor na brinquedoteca. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 279–292, 2015.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. **O atletismo**: origens. São Paulo: CBAT, 2010.

CONDE, Antônio João Manescal; SOBRINHO, Pedro Américo Souza; SENATORE, Vanilton. **Manual de introdução para professores de Educação Física**: paraolímpicos do futuro. 1. ed. Brasília: Gráfica Cidade, 2006.

CÔTÉ, Jean; GILBERT, Wade. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307–323, 2009.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

CREGAN, Kirsten; BLOOM, Gordon A.; REID, Graeme. Career evolution and knowledge of elite coaches of swimmers with a physical disability. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 78, n. 4, p. 339–350, 2007.

CURI, Haidar Tafner; SOUZA, Gláucia Roberta de Freitas; LIMA, Jaqueline de; FERRETTI, Eliana Chaves. O impacto do esporte adaptado na qualidade de vida de usuários de cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Curitiba, v. 13, 2022.

SILVA, Cláudio Silvério; WINCKLER, Ciro. **O desporto paralímpico brasileiro, a educação física e profissão**. São Paulo: CREF4-SP, 2019. 112 p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos**. Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LEITE, Marco Filipe Xavier. **A formação inicial do professor de educação física e sua implicação na construção pedagógica frente à inclusão de alunos com deficiência intelectual**. 2021. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

LOTTERMANN, Ana Laura Fischer et al. Projetos de extensão propostos pelos cursos de Educação Física ofertados a pessoas com deficiência. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, e29693, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MCMASTER, Sarah; CULVER, Diane; WERTHNER, Penny. Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, Londres, v. 4, n. 2, p. 226–243, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **World report on disability**. Geneva: World Health Organization, 2011.

PEREIRA, Cíntia; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. Pesquisa qualitativa na área da educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 3, p. 992–1001, 2023.

SERON, Bruna Barboza et al. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista: dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. 1–16, 2021.

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

SERON, Bruna Barboza; FISCHER, Gabriela. Esporte adaptado na UFSC: uma análise a partir das manifestações esportivas. Extensio: **Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 166–180, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Gabriela Freire da et al. Educação Física e inclusão nos currículos das universidades federais da região Sudeste. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 12, e039523, p. 1–20, 2022.

SILVA, Larissa Oliveira; TEIXEIRA, Daniel Marangon Duffles. Análise de fatores críticos de sucesso no paradesporto por meio da percepção de treinadores(as) de equipes paradesportivas. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, v. 23, n. 2, p. 243–260, 2023.

SILVER, Jonathan R. Ludwig Guttmann (1899–1980), Stoke Mandeville Hospital and the Paralympic Games. **Journal of Medical Biography**, Londres, v. 20, n. 3, p. 101–105, 2012.

TAYLOR, Shannon; WERTHNER, Penny; CULVER, Diane. A case study of a parasport coach and a life of learning. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, n. 2, p. 127–138, 2014.

Apêndice A

Roteiro completo do questionário aplicado

Bloco 1 – Caracterização do Perfil (questões Fechadas)

1. Tempo de atuação como treinador(a) no Projeto Viva Atletismo:
( ) Menos de 1 ano
( ) 1 a 2 anos
( ) 3 anos ou mais

2. Com quais tipos de deficiência você trabalha atualmente no projeto?
( ) Física
( ) Visual
( ) Intelectual
( ) Multipla
( ) Outra _____

Bloco 2 – Práticas, Percepções e Desafios

3. Como você define as principais necessidades de treinamento de atletas com deficiência em comparação aos atletas sem deficiência?

REMUNOM
ISSN 2178-6925

Received: 13/01/2026 - **Accepted:** 13/05/2026
Vol: 13.09
DOI: 10.66104/ygt2bk54
Pages: 1-28

4. Quais estratégias você utiliza para adaptar os treinos às especificidades de cada deficiência?

5. Você já enfrentou dificuldades para adaptar o treino a um atleta com deficiência? Se sim, como lidou com isso?

6. Você aplica avaliações físicas ou motoras específicas para planejar os treinos? Se sim, quais?

7. Que melhorias você acredita que poderiam ser implementadas no Projeto Viva Atletismo para favorecer o rendimento e bem-estar dos atletas com deficiência?